

**RESENHA: GEOGRAFIAS
COMUNITÁRIAS NO CARIRI
CEARENSE**

*REVIEW: COMMUNITY GEOGRAPHIES
IN CARIRI CEARENSE*

*RESEÑA: GEOGRAFÍA COMUNITARIA
EN EL CARIRI CEARENSE*

Gerlane Gomes da Rocha
Mestranda em Geografia na
Universidade Federal de Pernambuco
(UFPE).
E-mail:gerlanegomesrocha@gmail.com

GONÇALVES, Claudio Ubiratan.
**Geografias comunitárias no Cariri
Cearense.** Ética, capitalismo e trabalho.
Vitória: Ed. Cousa, 2022.

O livro “Geografias Comunitárias no Cariri Cearense: Ética, Capitalismo e Trabalho”, de autoria do geógrafo Claudio Ubiratan Gonçalves, apresenta discussões pertinentes sobre a ética singular compartilhada nos territórios comunitários do Cariri Cearense, a luta das comunidades tradicionais pela garantia dos seus territórios, bem como de seus modos de vida e de produção. Esta obra é fruto da tese de doutorado em Geografia do autor pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2005) e das reflexões desenvolvidas ao longo de suas pesquisas e vivências na região do Cariri cearense. Atualmente, Claudio Ubiratan Gonçalves é professor associado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Espaço Agrário e Campesinato (LEPEC-UFPE).

A região do Cariri Cearense está localizada no sul do Ceará, sendo composta atualmente por 29 municípios, segundo a Secretaria do Planejamento e Gestão do Ceará: Abaiara, Altaneira, Antonina do Norte, Araripe, Assaré, Aurora, Barbalha, Barro, Brejo Santo, Campos Sales, Caririaçu, Crato, Farias Brito, Granjeiro, Jardim, Jati, Juazeiro do Norte, Lavras da Mangabeira, Mauriti, Milagres, Missão Velha, Nova Olinda, Penaforte, Porteiras, Potengi, Salitre, Santana do Cariri, Tarrafas e Várzea Alegre. As condições físico-naturais também marcam a geodiversidade local, a qual é evidenciada pela Chapada do Araripe, pelas serras e pela caatinga, assim como pelos valores simbólicos e culturais que compõem a identidade territorial da região. Com isso, o espaço da natureza é compartilhado nos territórios, vinculado à lógica dos meios de produção, do trabalho, do próprio capital, da religiosidade e das vivências comunitárias.

Nesse contexto, a obra “Geografias Comunitárias no Cariri Cearense: Ética, Capitalismo e Trabalho” dedica-se a examinar a realidade sócio-territorial do Cariri cearense. Para tanto, organiza-se em cinco capítulos que relatam experiências e reflexões teóricas vivenciadas durante a construção da tese de doutorado do autor. Essas etapas ganharam novas formulações a partir de um processo de revisão. As fases da pesquisa desdobram-se pela compreensão da Geografia Comunitária, da ética e do modo como ela está situada no território de pesquisa. A obra explora o local de onde essa pesquisa está sendo desenvolvida e, aliada a origem da toponímia Kariri, suas características histórico-geográficas territorialmente situadas.

A partir desta análise, examinam-se detidamente as perspectivas dos sujeitos sociopolíticos, representados pelo trabalho artesão, considerando as características de seus meios de produção e a reprodução de seu ofício. Destaca-se o processo de devoção e a religiosidade entrelaçada às comunidades, evidenciando a figura do romeiro. Essas comunidades desempenharam um papel crucial na formação do Cariri cearense, com ênfase na conexão entre Juazeiro do Norte e a influência do Padre Cícero Romão Batista. Por fim, o autor explora as dinâmicas ecológicas, políticas, sociais e econômicas das comunidades na interação com a Chapada do Araripe, cujo modo de vida é representado pelo extrativismo do Pequi, pelo trabalho artesão e pela religiosidade romeira.

No capítulo 1, “De qual Chão Falamos e de onde partimos para comunicar a Geografia Comunitária?”, o autor apresenta a Geografia Comunitária, destacando a dificuldade em analisar aspectos cronológicos e a toponímia Cariri devido à falta de registros escritos e a visão político-econômica desenvolvida pela região, a partir de uma perspectiva litorânea e exógena ao lugar social. A aproximação

objetiva e contraditória entre o litoral e o sertão é explorada, levando a questionamentos sobre a ética predominante no Cariri ao longo do tempo e a diversidade de grupos presentes na região. A investigação da ética é abordada sob quatro dimensões, a saber: ética da complexidade, ética da alteridade, ética armorial e espírito da ética capitalista.

O autor, baseado nessas dimensões éticas, analisa ainda as relações de sociabilidade dos sujeitos e as instituições no Cariri Cearense. Destaca-se a inter-relação entre o meio físico-natural e as atividades humanas, ressaltando a singularidade geográfica do Cariri, assim como a necessidade de integrar a gestão de bens naturais, físicos e culturais. O capítulo também aborda a formação da identidade territorial relacionada à fragmentação étnica dos povos, às conexões técnicas e às articulações econômicas na economia solidária social. A perspectiva ética é discutida como componente central do desenvolvimento e da geodiversidade do Cariri Cearense, compreendido a partir da Geografia Comunitária, das relações de trabalho e da religiosidade.

No capítulo 2, “Geografando o *Ethos* Capitalista no Cariri Cearense”, apresentam-se aspectos do *ethos* capitalista no Cariri Cearense, revelando conflitos decorrentes da disputa por projetos territoriais. O termo “*ethos*” é entendido como o modo de proceder, englobando hábitos, costumes e funcionamento das instituições sociopolíticas. A narrativa começa com uma análise histórico-geográfica do termo “Kariri”, delineando quatro versões fundamentais a partir das perspectivas indígenas (Kariri), dos coronéis, da igreja católica e do Estado. Pontua-se a transferência do termo originalmente indígena para uma apropriação pelo Estado, ao nomear a região como “Cariri”, ressaltando a modificação do

significado ao longo do tempo. Gonçalves (2022) examina a formação territorial da região, incorporando à análise, relatos de viajantes, registros de crônicas e de tradições orais. Além disso, aborda a resistência dos indígenas Kariri diante da imposição colonial, recebendo destaque a Confederação dos Cariri, como uma resposta coletiva para a manutenção do seu território.

Somando-se a isso, o capítulo evidencia a mitologia fundadora da nação Kariri, apontando a relação simbólica dela com a água, bem como seu mito de origem associado a um lago encantado. O texto destaca a cosmologia indígena e o papel da Chapada do Araripe nesse contexto da ancestralidade indígena. Ao narrar a invasão dos colonizadores, o autor discute a resistência dos indígenas, culminando na formação do *ethos* capitalista durante o choque de civilizações no sertão. Assim, a imposição do modelo de vida europeu, marcado por violência e repressão, constrói, ao seu modo, um *ethos* capitalista nessa região que, ao longo do tempo, influencia não apenas a geografia, mas também as relações sociais e culturais do Cariri Cearense. Esse processo pode ser observado por meio da promoção do trabalho árduo como dignificação humana e da apropriação da língua, dos seus sentidos e das suas representações sócio-políticas originais, com a apropriação territorial.

Em seguida, no capítulo 3, “A Ética Comunitária no trabalho artesão”, o autor traz diálogos sobre a ética comunitária do trabalho artesanal no Cariri, enfatizando a interconexão entre o sagrado, a espiritualidade e a vida cotidiana. Ao analisar a reprodução do espaço e da economia vinculada ao sistema de produção artesanal, destacam-se as práticas religiosas populares na comunidade. Tal situação ocorre desde a construção de altares sagrados nas residências até a influência do Padre Cícero na tradição de construir

esses santuários. Essas práticas religiosas permeiam as oficinas de trabalho, assim como também influenciam o próprio processo de fixação dos artesãos, em sua maioria romeiros, na região. Gonçalves (2022) ressalta ainda como a produção artesanal, diversificada em vários setores, contribui para a prosperidade deste setor no território e dá destaque para dois tipos de oficinas, sendo essas: as que trabalham com o gesso (produção de crucifixos) e as que trabalham com o zinco (produção de candeeiros).

Nesse cenário, a circulação de mercadorias e a eficiente rede de comunicação inter-regional, nacional e até internacional, incluindo caixeiros viajantes e o comércio ambulante, são outros fatores que impulsionaram a produção artesanal de mercadorias. A exportação desses produtos torna-se parte integrante da agenda das famílias envolvidas, embora apresente desafios em termos de capacidade de produção local em relação à demanda do mercado externo. O autor também destaca a importância das relações de confiança e solidariedade no comércio local, estabelecendo uma conexão entre as oficinas artesanais, as experiências comunitárias e a ética cristã de matriz weberiana. Dessa maneira, a complexa teia de relações entre ética comunitária, práticas religiosas e atividades econômicas evidencia-se como um elemento central na vida dos artesãos de Juazeiro do Norte.

No capítulo 4, “A devoção e o espírito religioso de comunidade no romeiro-peregrino”, o autor apresenta a convivência coletiva com o sagrado no Cariri Cearense, enfatizando a cidade de Juazeiro do Norte a partir da figura do Padre Cícero Romão. Inicialmente, ao delinear o significado das romarias no contexto temporal e espacial, destaca-se a ética do afeto, que é um sentimento espiritual ancestral ressignificado pela presença do Padre Cícero. A análise aprofunda-se

na espiritualidade cíclica da comunidade, evidenciada em práticas como a Romaria das Candeias, a qual é tomada como retrato dos sacrifícios dos romeiros em suas peregrinações. Aborda-se, nesse cenário, a ética da alteridade, salientando-se a relevância do encontro ascético com o outro no contexto da romaria e do ambiente religioso, de modo a promover uma responsabilidade ética e solidária.

No ambiente das romarias, Gonçalves (2022) identifica três tipos de romeiros: povoadores, artesãos e viajantes que estabelecem relações específicas com o Cariri Cearense. As romarias estão organizadas em um ciclo anual no Juazeiro do Norte, formulando um calendário religioso marcado por momentos importantes: Nossa Senhora das Candeias (fevereiro), nascimento do Padre Cícero (março), morte do Padre Cícero (julho), Nossa Senhora das Dores (setembro), São Francisco de Assis (outubro) e Finados (novembro). Com isso, constrói-se a relação entre a ascese, entendida como um conjunto de práticas austeras e disciplinadas, e a devoção do romeiro-peregrino, revelando a busca pela purificação e pelo crescimento espiritual. Nesse contexto, o envolvimento das forças políticas nas romarias e a interligação do caminho da salvação com a estabilidade econômica também são abordados, evidenciando a complexidade das práticas religiosas e sua interconexão com aspectos sócio-políticos.

Por fim, no capítulo 5, “O que é comum aos pequizeiros na Chapada do Araripe”, aponta a vida e a organização produtiva dos pequizeiros na Chapada do Araripe, indicando as práticas tradicionais, o contexto histórico e as intervenções estatais na região. A comunidade de Cacimbas, inserida na Floresta Nacional do Araripe, é um exemplo emblemático, uma vez que sua análise revela a relação contraditória entre a comunidade e o Estado. Nesse sentido, situa-se a compreensão do ciclo anual espaço-tempo da produção,

centrado no uso do pequi, na lógica familiar, na mobilidade espacial e nas práticas ecológicas dos pequizeiros. O autor ressalta ainda o descompasso entre as políticas públicas territoriais, voltadas para o empreendedorismo local, e as necessidades prementes da comunidade.

Nesse cenário, também se enfatiza a resistência dos pequizeiros às imposições do Estado, que, ao ignorar a relação ancestral dessa comunidade com a natureza, impõe-lhe uma compreensão de gestão espacial diferente das suas dinâmicas territoriais. Dessa forma, esse posicionamento, aliado a um projeto liberal, é questionado de ponta a ponta, pois, apesar de oferecer alternativas econômicas, não contempla efetivamente o desenvolvimento social local com autonomia na base ética solidária já empreendida na comunidade. Gonçalves (2022) ressalta a necessidade de considerar as práticas tradicionais, o ciclo anual da produção e a coexistência em relativo equilíbrio entre os pequizeiros e a natureza para uma abordagem diversificada do desenvolvimento territorial.

A partir dos apontamentos desenvolvidos nesta obra, é possível obter uma leitura abrangente sobre o processo sócio-territorial de formação do Cariri Cearense e do Brasil. Destacam-se os sujeitos sociopolíticos vinculados a esse processo, com ênfase no trabalho artesão, nas comunidades tradicionais, nos camponeses, nos povos indígenas emergentes e nos romeiros. Essa análise correlaciona-se à figura religiosa e política do Padre Cícero Romão Batista, assim como à influência físico-natural do espaço geográfico representado pela Chapada do Araripe e as condições propícias para a formação de agrupamentos. Com base nesses fatores, o processo de

migração para o Cariri foi impulsionado, notadamente, para a cidade de Juazeiro do Norte.

O autor realiza uma leitura desse processo com base na ética compartilhada nesses territórios do Cariri, explorando como isso se reflete nas relações sociais desenvolvidas nesses espaços. Elas confrontam alguns aspectos do modo de vida ocidental eurocêntrico, principalmente no que se refere ao contato com o outro, com a natureza e com a espiritualidade. Apesar das condições impostas, vindas de outro modelo de desenvolvimento, perante a lógica ancestral e intergeracional de reprodução social das comunidades do Cariri, a dinâmica local de ordenamento espacial é reinventada por estratégias de permanência no território. Além disso, destaca-se de que modo o trabalho é representado nessas comunidades, bem como sua origem relacionada à fé cristã, que se materializa na ligação com o padre Cícero Romão e, posteriormente, com as romarias.

Assim, esse livro faz um convite àqueles que buscam compreender a geodiversidade do Cariri Cearense e do Brasil, com base numa perspectiva da Geografia Comunitária, destacando aspectos sócio-territoriais de uma ética solidária representada nas relações religiosas e de trabalho. A leitura desta obra proporciona, então, uma interpretação abrangente sobre a gênese do que é o Cariri Cearense, servindo de auxílio para a compreensão dos impactos desse processo que estão inseridos nesta região atualmente.

Submetido em: 19 de março de 2024

Aprovado em: 16 de julho de 2024

DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3366

Como citar:

GOMES DA ROCHA, G. GEOGRAFIAS COMUNITÁRIAS NO CARIRI CEARENSE. **Terra Livre**, São Paulo, ano 39, v.1, n.62, jan.-jun. 2024, p. 872-880. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3366>. Acesso em: dia/mês/ano.